

# As Perspectivas da Pesquisa Qualitativa para as Políticas Públicas em Educação

Herivelto Moreira

## RESUMO

O objetivo deste artigo é duplo. Primeiro é definir as principais características da pesquisa qualitativa no campo da pesquisa educacional em comparação com a pesquisa quantitativa originada no paradigma positivista. O segundo é como este tipo de pesquisa pode, por meio de seus resultados, também servir de referência para orientar os processos de decisões dos gestores de políticas educacionais. O artigo também explora como os pesquisadores que utilizam esta abordagem estão estudando os fenômenos educacionais em seu ambiente natural, procurando fazer sentido ou interpretá-los em termos do significado que as pessoas dão a eles.

**Palavras-chave:** Pesquisa qualitativa – Características da pesquisa qualitativa – Pesquisa quantitativa – Metodologia da pesquisa – Políticas públicas – Gestão da educação.

## Introdução

Os resultados da pesquisa quantitativa vêm sendo utilizados pelos gestores da educação e pelas agências internacionais como base para orientar muitas das decisões em relação às políticas a serem adotadas pelas instituições de ensino. Não há como negar, nem é o objetivo deste artigo, a importância deste tipo de pesquisa e o quanto a mesma tem contribuído para a educação. Contudo, este tipo de pesquisa nem sempre é sensível às perspectivas daqueles que estão diretamente envolvidos no processo ensino/aprendizagem, pois as decisões políticas mais importantes com relação à educação são frequentemente tomadas fora da arena da ação educacional. Tais decisões têm muito a ver com a sobrevivência das instituições em termos dos recursos financeiros externos, que são muitas vezes mais importantes para os administradores educacionais do que as questões pedagógicas.

**Herivelto Moreira**

*Doutor em Educação,  
University of Exeter,  
Grã-Bretanha.*

*Professor e Pesquisador  
do Programa de  
Pós-graduação em  
Educação, Universidade  
Tuiuti do Paraná.*

O objetivo deste artigo é duplo. O primeiro é definir as principais características da pesquisa qualitativa no campo da educação em termos de comparação com a pesquisa quantitativa originada no paradigma positivista. O segundo é tentar discutir como este tipo de pesquisa pode, por meio de seus resultados, oferecer uma alternativa para também ajudar a orientar os processos de tomada de decisões dos gestores de políticas educacionais.

A pesquisa qualitativa no campo da educação possui uma longa e rica tradição. As origens deste tipo de abordagem datam do século dezenove, mas foi somente nos anos 70 que ela começou a sair da adolescência em países como a Inglaterra, Austrália, Escandinávia e Estados Unidos.

Segundo André (1995), no Brasil esta perspectiva começou a se tornar popular entre os pesquisadores da área da educação na década de 80. Foi a partir dessa década que surgiu uma grande quantidade de publicações tratando exclusivamente dos fundamentos teóricos e procedimentos metodológicos.

Porém, a perspectiva qualitativa nas décadas de 70 e 80 era ainda marginal na área da educação e só praticada por pesquisadores considerados mais heterodoxos. Muito embora os pesquisadores educacionais já conduzissem estudos qualitativos há várias décadas, o trabalho destes pesquisadores nem sempre fazia parte de um campo de investigação estabelecido, com disciplinas para proporcionar orientação aos estudantes de mestrado e doutorado nos procedimentos específicos da pesquisa qua-

litativa. Havia de fato quase consenso de que este tipo de investigação existia, mas, na verdade, este consenso era muito tímido e a pesquisa qualitativa não era muito bem aceita pelos pesquisadores convencionais.

Os debates sobre as questões metodológicas entre os investigadores quantitativos e qualitativos prosseguiram principalmente fora do Brasil com os defensores de todas as perspectivas participando das discussões. Ao longo do tempo, os resultados destes debates proporcionaram algumas mudanças. Estas mudanças podem ser percebidas, primeiro, na atitude de investigadores quantitativos, formados na tradição da pesquisa quantitativa e com uma enorme reputação na área da pesquisa como Lee Cronbach, Donald Campbell, Robert Stake, Egon Guba e Philip Jackson, com relação à investigação qualitativa (Eisner & Peshkin, 1990).

Segundo, na aceitação para publicação deste tipo de pesquisa por periódicos cujos conteúdos eram baseados somente na tradição quantitativa. Menos do que uma quebra de tradição é a prevalência de artigos resultantes de pesquisas qualitativas em periódicos de grande circulação nos meios acadêmicos.

Terceiro, os cursos de metodologia de pesquisa qualitativa estão agora sendo ofertados com suficiente regularidade em vários programas de mestrado e doutorado, isto fez com que houvesse uma expansão na publicação de monografias, teses e livros textos específicos de metodologia qualitativa.

A estas três mudanças junta-se uma quarta: os departamentos de educação nas

universidades começaram a se preocupar mais com as questões da pesquisa qualitativa, procurando articular seminários e contratar professores com competência para ensinar pesquisa qualitativa.

Com todas estas mudanças, as tensões entre os investigadores qualitativos e quantitativos têm diminuído e está se instaurando um clima de diálogo entre os dois grupos. Como resultado, possivelmente a pesquisa qualitativa em um futuro bem próximo será conduzida e orientada por professores que serão formados para trabalhar com esta abordagem. Mas, apesar de todas estas mudanças, o termo pesquisa qualitativa ainda continua gerando muita confusão entre os pesquisadores educacionais devido ao fato de que não há um padrão a ser seguido e, na maioria das vezes, tem significados diferentes para diferentes pessoas. É desnecessário dizer que esta confusão tem contribuído sobremaneira para críticas exacerbadas e defesas apaixonadas muitas vezes sem a devida fundamentação.

### **O que é Pesquisa Qualitativa?**

Para *Bicudo & Esposito (1994)*, esta abordagem tem como suporte a fenomenologia, não a fenomenologia entendida como um pensar filosófico e que se locomove na região de inquérito da filosofia, mas tendo como região de inquérito a educação e os fenômenos humanos, utilizando-se de recursos metodológicos provenientes da mesma. Portanto, esta abordagem tem como enfoque principal entender o significado que os eventos têm para as pessoas que estão sendo estudadas. Para outros, o qualitativo é sinônimo de etnográfico (*Triviños, 1987*).

Contudo, a grande maioria dos autores na área procuram definir a pesquisa qualitativa em termos de comparação com a pesquisa quantitativa originada no paradigma positivista. Isto facilita o entendimento da questão uma vez que a grande maioria de nós foi socializada dentro desta última perspectiva.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa é muitas vezes descrita como a antítese dos métodos tradicionais de pesquisa como as pesquisas do tipo *survey* e experimental. Os métodos de pesquisa quantitativa envolvem tipicamente mensurações precisas, controle rígido de variáveis (normalmente em laboratórios) e a análise estatística. Os métodos da pesquisa quantitativa tendem a focar na análise (examinar as partes dos componentes de um fenômeno), enquanto que a pesquisa qualitativa busca entender o significado de uma experiência para os participantes em um cenário particular e como os componentes deste fenômeno se articulam para formar um todo.

Na pesquisa qualitativa, o foco da investigação é na essência do fenômeno e a visão de mundo é função da percepção do indivíduo. Os objetivos são descrever e entender o mundo como ele é. O pesquisador qualitativo deseja que as pessoas que estão participando do estudo falem por si próprias para proporcionar suas perspectivas em palavras e em ações. Portanto, a pesquisa qualitativa é um processo interativo no qual o pesquisador aprende o significado que os participantes dão aos eventos e às suas ações. O pesquisador não manipula variáveis por meio de tratamentos experimentais e está mais interessado no processo do que no produto.

O pesquisador observa e coleta dados no campo, isto é, no ambiente natural. Os eventos e ações podem ser entendidos adequadamente se forem vistos dentro de um contexto. Portanto, o pesquisador qualitativo mergulha no ambiente e despende grande quantidade de tempo nestes ambientes.

Não há hipóteses pré-concebidas, que caracterizam tanto a pesquisa quantitativa. Os pesquisadores não coletam informações ou provas com o objetivo de corroborar ou refutar hipóteses construídas previamente; ao invés disto, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram coletados vão se agrupando. Os pesquisadores qualitativos desenvolvem hipóteses das observações.

Em outras palavras, a pesquisa qualitativa enfatiza a indução enquanto que a pesquisa convencional enfatiza em grande parte a dedução. Estudos de pesquisa qualitativos são delineados para entender o fenômeno de interesse, particularmente os fenômenos sociais e educacionais nos quais as pessoas são participantes do estudo (tradicionalmente chamados de sujeitos). Os pesquisadores nesta abordagem desenvolvem um "foco geral de investigação" que ajuda a orientar a descoberta do que é para ser conhecido sobre algum fenômeno social e educacional. Os pesquisadores estão interessados em investigar e responder a perguntas exploratórias e descritivas.

A pesquisa qualitativa usa um delineamento emergente. Para os pesquisadores e estudantes que aderem à abordagem convencional de pesquisa, a idéia de um delineamento evoluindo com o

tempo é contrária e talvez mesmo problemática. Em um delineamento emergente o pesquisador identifica orientações importantes nas fases iniciais da análise dos dados e pode perseguir novas questões observando novas situações ou situações prévias sob uma outra ótica. Para o pesquisador qualitativo, é muito importante estudar esta abertura ou estreitamento dos fenômenos sob investigação (Maykut & Morehouse, 1994).

No entanto, é possível empregar um delineamento não-emergente (os dados são coletados e depois analisados), no qual o foco da investigação é buscado por meio de métodos qualitativos de coleta e análise de dados. Esta última forma de pesquisa qualitativa, embora menos aberta, já produziu e continua produzindo resultados importantes.

Na pesquisa quantitativa, o pesquisador procura ficar de fora do processo de coleta de dados, que é realizado por meio de questionários, escalas, mensurações e outros instrumentos, conhecidos como instrumentos objetivos. Os dados são invariavelmente analisados estatisticamente. Na pesquisa qualitativa o pesquisador é o instrumento para coletar e analisar os dados enfatizando a subjetividade. O pesquisador interage com o pesquisado e a sua sensibilidade e percepção desempenham um papel crucial na coleta e na análise das informações.

Portanto, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do que está sendo estudado. Isto significa que os pesquisadores estudam os fenômenos em seu ambi-

ente natural, procurando fazer sentido ou interpretá-los em termos de significado que as pessoas dão a eles. A pesquisa qualitativa usa uma variedade de técnicas, como a entrevista, a observação, o estudo de caso, a história de vida, etc. para descrever a rotina, as situações problemáticas e o significado de tudo isto na vida dos indivíduos (Denzin & Lincoln, 1994, p. 1-17).

Na verdade, o termo interpretativo está ganhando alguma força (principalmente na literatura inglesa) como um termo do tipo guarda-chuva porque se refere a toda uma família de abordagens, como a etnografia, a hermenêutica, o naturalismo, o interacionismo simbólico, o construtivismo e a etnometodologia (Moreira, 1996, p. 19-42).

Baseado nisto, é possível observar que, embora todas estas tradições apresentem diferenças, algumas similaridades se convertem em características comuns. Estas características são: a) a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal instrumento, b) a pesquisa qualitativa é descritiva, c) maior interesse no processo do que meramente nos resultados ou produtos, d) a análise dos dados é feita de forma indutiva e contínua, e) o significado é o ponto fundamental e f) o delineamento da pesquisa qualitativa é emergente.

Não obstante o notável progresso no desenvolvimento e na receptividade da pesquisa qualitativa, ela tem críticos que ainda se sentem desconfortáveis com uma abordagem não quantitativa à pesquisa.

Na melhor das hipóteses eles não se sentem confortáveis com o que vêem como um paradigma rival. Eles estão reagindo ao fato da competição. Na pior das hipóteses, eles descartam este tipo de pesquisa e a consideram indigna de ser chamada de acadêmica.

No passado, a forte oposição dos que tentaram depreciar a pesquisa qualitativa criou uma certa mentalidade que colocava todos os pesquisadores qualitativos como antagonistas, "eles", oposto por um protagonista "nós". Neste modo de pensar, a máxima era a seguinte: Nós mantemos os padrões, preservamos a retidão e, portanto, somos merecedores dos recursos disponíveis para a pesquisa e das prerrogativas para determinar a formação dos estudantes.

A força desta oposição freqüentemente criava uma desigualdade e uma reação muito grande contra os pesquisadores qualitativos, uma vez que os mesmos sempre foram superados em número pelos seus críticos e claramente sobrepujados pelo poder.

No que diz respeito à situação acadêmica, os orientandos destes pesquisadores encaravam incertezas em seus esforços de ter propostas de dissertações e teses aprovadas pelos colegiados de cursos que poderiam não conferir respeitabilidade à pesquisa que não utilizasse os recursos da estatística.

Felizmente, o julgamento de que a pesquisa qualitativa é marginal não vem se mantendo com esta força esmagadora. A interação contemporânea entre pesquisadores quantitativos e qualitativos já mencio-

nada anteriormente está mais equilibrada. Progressivamente, o que está acontecendo é muito mais uma interface do que um encontro. Embora ainda exista nas nossas universidades uma certa resistência, o que tende a aparecer mais são as preocupações acadêmicas habituais para a manutenção de territórios do que um ataque a este tipo de abordagem. O velho debate quantitativo-qualitativo gradualmente está dando lugar ao diálogo.

Contudo, como confiar em uma metodologia que utiliza estudos de caso? Os estudos de caso nos ensinam alguma coisa? É possível falar a respeito de implicações educacionais da pesquisa quando a situação estudada não é aleatória e o método é exclusivo do orientador? No paradigma de pesquisa convencional a lógica da seleção aleatória e a lógica fundamental da estatística inferencial são bem desenvolvidas. Onde está o paralelo com os métodos de pesquisa qualitativa? Pode haver tais paralelos? Se a resposta é negativa, quais são as bases – se houver – para a generalização? E ainda, quão diferentes são estas características dos métodos efetivamente utilizados nos estudos convencionais? Esses métodos não representam versões de livros de metodologia, nem as consideráveis descrições encontradas nos periódicos de pesquisa, mas as maneiras pelas quais a pesquisa realmente ocorre na prática.

Por outro lado também é possível questionar: Quantos estudos do tipo convencional realmente utilizam uma amostra selecionada aleatoriamente? Quanto de significância de tal pesquisa é uma questão de disposições interpretativas e habilidades do pesqui-

sador? Quanto do método planejado é realmente empregado, e quanto do que é empregado é função da habilidade do pesquisador? Em suma, quanta idiosincrasia há na pesquisa convencional? O quanto desta pesquisa é replicável? Em que grau há uma sobreposição entre abordagens de pesquisa – qualitativa e não qualitativa – considerando o mundo real da prática da pesquisa e não a versão do livro texto?

Responder a todos estes questionamentos não é, certamente, função de um único pesquisador. Estas respostas devem ser buscadas na abertura de mais debates sobre as questões metodológicas que guiam as investigações dos pesquisadores que realmente estão envolvidos na produção e orientação de pesquisas nos programas de pós-graduação em educação.

Mas as críticas à abordagem qualitativa não param por aí e se estendem além destas colocadas acima. Os críticos normalmente ainda levantam algumas questões que são cruciais para o pesquisador qualitativo como: 1) a abordagem qualitativa é científica? 2) No que a pesquisa qualitativa difere do jornalismo? 3) Os resultados da pesquisa qualitativa podem ser generalizados? 4) Quais são os efeitos dos vieses do investigador? 5) Será que a presença do pesquisador pode modificar o comportamento dos participantes do estudo? 6) Será possível a utilização das abordagens qualitativa e quantitativa em uma mesma pesquisa?

O que nós temos, então, são perspectivas múltiplas na metodologia da pesquisa. Há aqueles que consideram a pesquisa convencional e a abordagem qualitativa como com-

plementares. Estes pesquisadores argumentam que cada abordagem é boa para uma classe particular de problemas. Eles lidam com o pluralismo metodológico, mantendo que é o problema ou a pergunta de pesquisa que deve dirigir o método e não vice-versa.

Há outros que mantêm que a pesquisa qualitativa é basicamente uma versão branda e menos confiável da coisa real, as coisas que os bons estudos quantitativos produzem. A visão destes pesquisadores é que a pesquisa qualitativa poderia ser boa para um trabalho exploratório, mas que o conhecimento é gerado por meio de outros métodos considerados mais científicos.

Outro grupo de pesquisadores mantém que os métodos convencionais é que são suspeitos. Eles argumentam que tais métodos, derivados do paradigma da ciência natural, são mal adaptados para serem aplicados às questões humanas. Os métodos baseados em um modelo causal determinístico simplesmente não se ajustam às arenas onde a ação humana acontece. Eles argumentam que um bom estudo qualitativo deve obedecer aos mesmos critérios da pesquisa quantitativa. As diferenças epistemológicas são grosseiramente exageradas.

O que é particularmente promissor a partir destas perspectivas é que conversações como estas deverão ocupar um lugar de destaque no discurso da educação. Isto sugere para nós que há uma conscientização de que o que era considerado estabilizado e sacrossanto está agora sendo reconsiderado. Novas maneiras de pensar sobre conhe-

cer e conhecimento estão emergindo e novas concepções de generalização estão sendo oferecidas para as nossas considerações; a validade e a fidedignidade estão sendo acotoveladas por outros conceitos diferentes. Em suma, a conversação está se aprofundando, tornando-se mais complexa e, por conseguinte, mais problemática.

As conseqüências do diálogo que se está estabelecendo irão a longo termo, é claro, proporcionar muito mais do que recompensas de uma boa conversação. Nós acreditamos que a natureza do diálogo criará uma pluralidade legítima de métodos que jogará luz nas questões educacionais, muito mais do que qualquer outro conjunto simples de métodos.

Ao projetar as conseqüências potenciais de uma nova conversação e de uma nova maneira de se produzir conhecimento, não queremos dizer que os padrões ou, melhor ainda, os critérios para a avaliação do valor do trabalho qualitativo sejam menos rigorosos do que os padrões aplicados para a pesquisa em outros paradigmas.

Ao contrário; porque não há testes de significância estatística para estudos qualitativos, a mais requintada das capacidades humanas aparece em tela: o julgamento. Mas o bom julgamento não é uma atividade sem inteligência. Ele depende da atenção a detalhes, sensibilidade à coerência, apreciação da insinuação e a habilidade de ler nas entrelinhas. (Eisner & Peshkin, 1990).

Neste sentido, o problema de critério tem sido o problema dominante no atual debate metodológico. Para Smith (1995), estas pre-

ocupações estão em dois níveis inter-relacionados. Em nível filosófico, o problema é como distinguir aparências verdadeiras de falsas aparências ou, colocado de outra maneira, conhecimento de opinião. Em nível prático, o problema é como nós podemos distinguir uma boa pesquisa de uma pesquisa ruim.

Para atacar estas preocupações (*ibid.*) estabelece um contexto que inclui o porquê da questão do critério ter-se tornado tão problemática no nosso atual pensamento sobre investigação social e educacional, e discute como vários tipos de pesquisadores estão tentando resolver estas questões nestas duas áreas. Ele também sugere que os pesquisadores qualitativos precisam afastar-se da visão de critérios tais como os padrões utilizados no paradigma convencional para fazer julgamentos em relação à posição de que os critérios são vistos como características ou valores que influenciam nossos julgamentos.

Portanto, não se deve lançar mão de critérios do paradigma convencional para julgar pesquisas qualitativas e vice-versa, uma vez que as posições iniciais de cada um apenas levariam a confusões e ao encerramento de qualquer diálogo entre os pesquisadores. As implicações e a importância destas questões para o debate metodológico já foram discutidas em outra publicação (Moreira, 1996).

A outra questão a ser considerada neste artigo é que há uma tendência na literatura em educação de se preocupar mais com a discussão de políticas e características mais amplas do sistema do que com a realidade da escola no dia-a-dia.

Existe uma pressão para desenvolver sistemas educacionais financeiramente eficientes e, para satisfazer os critérios das agências de financiamento, se tornou inevitável que as políticas sejam informadas e validadas por dados numéricos, codificados e analisados por meio de uma esmagadora metodologia quantitativa.

Tal tendência necessita ser compensada com uma preocupação com as consequências das decisões políticas na prática, isto é, no nível da ação educacional onde as metodologias qualitativas, em particular os estudos de caso, e a pesquisa conduzida pelo próprio professor são ideais para tal tarefa.

Neste sentido, uma das maiores contribuições da pesquisa qualitativa é buscar um maior entendimento da vida na escola e como as pessoas que trabalham nestes ambientes reagem à implementação de políticas para poder avaliar como estas políticas e práticas convergem e divergem.

Para que as políticas públicas educacionais e as inovações, quer sejam iniciadas por administradores locais ou por organizações internacionais, tenham chances de ser exitosas nas escolas, elas também devem ser baseadas e estar sintonizadas com as realidades do dia-a-dia da sala de aula, com as expectativas e a capacidade dos professores, buscando assim retratos mais autênticos da vida na escola. Isto enfatiza uma das principais forças da pesquisa qualitativa, que por meio de suas características se preocupa com as práticas quotidianas dos professores e dos alunos, alertando assim as pessoas envolvidas com as

questões da educação sobre os constrangimentos imprevistos ou fatores facilitadores que possam emergir nas escolas e nas salas de aula.

Em geral, os produtos da pesquisa qualitativa, incorporando como fazem o material descritivo e as análises relacionadas com a realidade da prática escolar, tornam os relatos de pesquisa mais acessíveis tanto para os professores quanto para os gestores. O estilo narrativa adotado em pesquisas qualitativas provavelmente refletirá uma construção social da realidade que seja reconhecível e entendida por todos. Contudo, é válido reiterar aqui que, embora os relatos de pesquisa qualitativa sejam mais acessíveis para os praticantes sem experiência prévia em pesquisa do que os relatos da pesquisa quantitativa, fazer tal pesquisa exige do pesquisador os mesmos cuidados e o rigor que caracterizam qualquer tipo de pesquisa.

Ao tratar a pesquisa qualitativa nesta dimensão, estamos apenas sugerindo que a pesquisa educacional tem muito a ganhar ampliando o seu escopo ao incluir esta abordagem como parte de seu arsenal de pesquisa e que este tipo de pesquisa pode proporcionar informações importantes e necessárias para o processo de gestão de políticas educacionais e para o estudo comparativo de diferentes instituições de ensino.

### **Considerações Finais**

Como se pode notar, a pesquisa qualitativa é um empreendimento que vai crescendo e conseqüentemente está criando um espaço para uma metodologia de investi-

gação, que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.

Como os estudantes são formados em programas de mestrados e doutorado? Quais as disciplinas consideradas mais relevantes? Qual o tipo de produção considerada aceitável? e Quais as atitudes que têm lugar ao sol? Todas estas questões poderão ser diretamente influenciadas pelos processos e produtos desta conversação crescente. Os periódicos e livros textos que continuarão a emergir, as posições que se tornarão disponíveis, as evidências de professores que serão mais consideradas poderão e deverão ser alteradas por uma concepção de pesquisa mais abrangente.

Portanto, é importante enfatizar que com este argumento não estamos querendo dizer que a pesquisa qualitativa deva substituir os estilos mais tradicionais de pesquisa, pois temos certeza que certos problemas de pesquisa só podem ser investigados usando a abordagem quantitativa.

O que foi escrito até aqui serve de argumentação na tentativa de expandir o interesse dos pesquisadores e dos gestores da educação pelos métodos qualitativos da investigação, pois estes métodos enfatizam a crença de que qualquer evento ou ação só é explicável em termos de múltiplos fatores, eventos e processos, e ainda uma visão de que o mundo é constituído de realidades tangíveis e intangíveis e que elas são melhor estudadas como um todo ao invés de serem fragmentadas. Isto é, esta abordagem reconhece o significado do contexto onde acontece a experiência.

Longe de oferecer a última palavra neste tipo de debate, nós pretendemos, isto sim, oferecer uma alternativa que possa estender o diálogo nas questões da pesquisa àqueles que estão compromissados não apenas com a pesquisa qualitativa mas também com a qualidade das pesquisas e

de como os resultados obtidos com as nossas pesquisas podem ajudar as pessoas envolvidas com a educação a reconhecer que a investigação é sempre carregada de valores e que tais valores inevitavelmente influenciam a maneira como as pessoas pensam e agem no contexto da escola.

**Recebido em:** 18/11/1999

**Aceito para publicação em:** 22/02/2001

## ABSTRACT

*The purpose of this article is twofold. First is to define the main characteristics of the qualitative research in the field of the educational research in comparison to the quantitative research originated in the positivistic paradigm. Second is how it can, by means of its results, be used as a reference to guide the decision processes of the educational administrators. The article also explores how researchers that use this approach are studying the educational phenomena in its natural setting, trying to make sense or to interpret them in terms of the meaning that people give to them.*

**Keywords:** *Qualitative research – Characteristics of the qualitative research – Quantitative research – Research's methodology – Public politics – Education's administration.*

## RESUMEN

*El propósito de este artículo es doble. Primero es definir las características principales de la investigación cualitativa en el campo de la investigación educativa comparado con la investigación cuantitativa originado en el paradigma positivista. Segundo es como este tipo de investigación puede, por medio de sus resultados, ser usado como una referencia para guiar los procesos de decisión de los administradores educativos. El artículo también explora cómo los investigadores que usan este acercamiento están estudiando los fenómenos educativos en su escena natural, intentando tener sentido o interpretarlos en términos del significado que las personas les dan.*

**Palabras clave:** *Investigación cualitativa – Características de la investigación cualitativa – Investigación cuantitativa – Metodología de la investigación – Políticas públicas – Administración de la educación.*

## Referências Bibliográficas

ANDRÉ, M.E.D.A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, S P: Papyrus, 1995. (Prática pedagógica).

BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, H.; CUNHA, V.H. *Pesquisa qualitativa em educação : um enfoque fenomenológico*. Piracicaba, SP : Ed. UNIMEP, 1994.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. Entering the field of qualitative research. In : \_\_\_\_\_. (Ed.). *Handbook of qualitative research*. London : Sage, 1994.

EISNER, E.; PESHKIN, A. *Qualitative inquiry in education: the continuing debate*. New York : Teachers College Press, 1990.

MAYKUT, P.; MOREHOUSE, R. *Beginning qualitative research: a philosophic and*

practical guide. London : Falmer Press, 1994.

MOREIRA, H. Pesquisa educacional: reflexões sobre os paradigmas de pesquisa. In: FINGER, A. P. et al. *Educação: caminhos e perspectivas*. Curitiba, PR: Champagnat, 1996.

SMITH, J. The ongoing problem of criteria. In: TILLER, T.; SPARKES, A.; KARHUS, S.; NAESS, F. D. *Reflections on educational research : the qualitative challenge*. Norway: Caspar Forlag, 1995. p. 133-154.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

**Correspondência:**

**e-mail:** hmoreira@cefet.pr.br